

Narrativas sobre Violência nas Torcidas Organizadas de Futebol: uma Escuta a Torcedores a partir de uma Abordagem Psicanalítica

Márcia Batista dos Santos (UNIFOR/CAPES) – mbatistasantos@yahoo.com.br

Henrique Figueiredo Carneiro/Orientador (UNIFOR) – henrique@unifor.br

1. Introdução

Este trabalho é resultado da pesquisa realizada com quatro sujeitos envolvidos com torcidas organizadas, de uma capital do nordeste brasileiro, dos quais três permanecem ligados ativamente e um que já foi da liderança se encontra afastado. A pesquisa buscou compreender o fenômeno da violência presente nos eventos esportivos de futebol.

A violência no entorno das torcidas organizadas começam a aparecer na década de 80 (REIS, 2006), mas é a partir da década de 90, século XX (MURAD, 2007), que a violência nos estádios vai tomar proporção cada vez maior tendo como ápice o que ficou conhecido como a Guerra do Pacaembu onde mobilizou o Ministério Público de São Paulo sendo pedido na justiça o fechamento das organizadas segundo matéria da Folha de São Paulo de 23 de abril de 1996 (REIS, 2006).

Há um espetáculo à parte, fora do campo, que tem chamado atenção. Existe uma forte cena em jogo, normalmente constituída por jovens que “vestem” uma camisa e que, em nome desta luta, se preciso for, vão até à morte. Nesta “cena externa”, parece que vale tudo, como afirma Marin (2002, p. 25), “até matar vale, se é para possuir o necessário, abater o objeto da frustração, impor o Eu”.

A despeito de tantos discursos em torno da paz, dos direitos humanos, o que presenciamos é uma crescente banalização da vida, a presumir pelos altos índices de violência, não só nos espaços das torcidas, mas nos espaços públicos em geral como confirmado pelas estatísticas que apontam um crescimento significativo de assassinatos entre 1980 e 2002: “em 22 anos saímos de uma taxa de homicídios de 19 para 46 por 100 mil habitantes” (BARREIRA; BATISTA, 2007, p. 19).

Tal violência vem em nome do que? Quais os motivos que sustentam esta posição de violência na qual o sujeito parece se ancorar? Podemos falar numa falha na construção subjetiva destes sujeitos daí, laços sociais enfraquecidos? Estas questões nortearam, a princípio, os objetivos propostos para esta pesquisa, a qual se procurou compreender as causas da violência nas torcidas organizadas a partir da análise sobre a formação dos laços sociais; os discursos que fundamentam os atos violentos entre eles e o que gera a passagem ao ato.

Contudo, vale ressaltar que corroboramos com o pensamento de Murad (2007) que o futebol em si não é uma prática esportiva violenta “embora haja práticas de violência dentro e fora do campo” (p.21).

2. Percurso Metodológico

A pesquisa de caráter qualitativo procurou aprofundar-se no mundo dos significados das ações e relações humanas como considera Minayo (2002).

A princípio, no período de elaboração do projeto foi restringido como universo de pesquisa integrantes das duas maiores torcidas do estado, pois segundo levantamento feito originava-se delas os atos violentos que eram destacados pela mídia. Contudo, durante a pesquisa de campo, os entrevistados relatavam, com unanimidade, que a origem da violência vinha das torcidas dissidentes, fato que não foi comprovado. Portanto, para obter dados mais fidedignos, optou-se por inserir membros destas torcidas para que fosse possível averiguar as informações obtidas. Assim, entrevistamos torcedores de três torcidas organizadas sendo um deles de torcida dissidente.

Os entrevistados foram selecionados a partir dos seguintes critérios: jovens ou adultos membros das torcidas organizadas que frequentam estádios de futebol e vivenciaram atos de violência entre torcidas.

No total participaram da pesquisa quatro entrevistados, todos do sexo masculino, na faixa etária entre 20 e 30 anos. Dentre eles dois tinham o segundo grau completo, um com nível superior incompleto e outro completo. Adotamos a entrevista individual como método de coleta dos dados.

Na busca de compreensão dos fenômenos de violência foram eleitas as categorias: laços sociais, discurso e passagem ao ato. As categorias têm como finalidade classificar elementos comuns ligados a uma temática que relaciona tais elementos para permitir uma análise dos dados coletados em campo.

Como ponto norteador para interpretação dos dados, ao longo do *corpus* da pesquisa, os autores consideraram as falas dos colaboradores como práticas discursivas, na qual Spink (2000) faz a seguinte definição para este termo: “Podemos definir, assim, práticas discursivas como linguagem em ação, isto é, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas” (p. 45, grifos nossos).

A partir desta perspectiva, a análise dos discursos implicou em considerá-los tanto pelas formas como eles são constituídos, como pelos os conteúdos que eles carregam, é aí que se trabalha com a interpretação. Tais conteúdos englobam ainda a relação entre as pessoas que falam e a constituição histórica que culmina no discurso, envolvendo relações de poderes, traços culturais, contextos etc.

3. Resultados

O trabalho partiu de categorias iniciais. Uma delas era de que as torcidas organizadas se constituíam a partir de laços sociais. A categoria foi confirmada no trabalho de campo onde se destacaram nesta categoria palavras como: grupo, amizade, reunião, paixão, vibração, proteção. Estes dados podem ser confirmados nas falas dos sujeitos: “*O público jovem com aquela necessidade que eles têm, que sempre se fala de se engajar num grupo, de fazer parte de um grupo, aquela fase de adolescência busca um grupo né, se associar, fazer parte acaba facilitando isso aí...*” (sujeito 1); “*Comecei a fazer amizades, aí, vou até hoje pras arquibancadas, tenho vários amigos lá...*” (sujeito 2); “*A gente fica com amizade muito grande com várias pessoas*” (sujeito 3); “*Vou me sentir (pausa) vou ta protegido com 100 pessoas tudo uniformizado*” (sujeito 4).

A partir da fala dos sujeitos percebemos que o desejo de estar junto, de fazer parte de um grupo, de fazer amizades são motivos que contribuem, fora o aspecto de torcer por um time, para a manutenção do grupo. Estar no grupo é também uma forma

de estar protegido, proteção essa necessária quando no encontro com torcedores de outras torcidas.

Para alguns a torcida organizada se transforma até em lugar de moradia: “*Você vê no site da torcida [...] você vê uma família [...] então muitos deles passam mais tempo no convívio da torcida do que na própria família. A sede social da torcida existem pessoas que moram na sede*” (sujeito 1) e espaço de reconhecimento: “*Isso ajudou a me desinibir [...] vendo o reconhecimento por parte de alguns torcedores até dos próprios dirigentes [...] isso pro ego da gente ver a coisa acontecer realmente é muito bom*” (sujeito 1).

Freud (1921) analisa alguns autores que elaboraram teorias sobre as formações grupais, dentre tais autores destacamos McDougall. O autor enumera cinco pressupostos básicos que fazem com que seja possível considerar uma reunião de pessoas como grupo. Dentre estas características destacam-se três quais sejam: a) um ideal que os una, b) uma interação sob a forma de rivalidade com grupos semelhantes e c) uma estrutura hierárquica bem definida. Consideramos que as três características estão presentes no movimento das torcidas organizadas.

Os integrantes das torcidas destacaram que o principal sentimento que os unia é a paixão pelo time. Para Freud (1930), o sentimento que congrega os grupos é a libido, energia sexual que é desviada deste propósito.

“A realidade nos mostra que a civilização não se contenta com as ligações que até agora lhe concedemos. Visa a unir entre si os membros da comunidade também de maneira libidinal e, para tanto, emprega todos os meios. Favorece todos os caminhos pelos quais identificações fortes possam ser estabelecidas entre os membros da comunidade e, na mais ampla escala, convoca a libido inibida em sua finalidade, demodo a fortalecer o vínculo comunal através das relações de amizade” (FREUD, 1930, p. 130).

Vários sentimentos são manifestados no espaço das torcidas organizadas. O mais enfatizado pelos sujeitos da pesquisa é o amor, a paixão. Contudo, a paixão é um sentimento de cunho amoroso, mas que pode ser revertida em ódio desde que frustrate a possibilidade de satisfação do sujeito. Dessa forma, o ódio também pode unir pessoas em um grupo, fato que pôde ser comprovado pelas entrevistas, quando foi relatado que as músicas do CD da torcida eram, na sua maioria, de insultos à torcida rival: “*Tinham músicas de incentivo à violência*” (sujeito 3); “*Os CD’s da torcida organizada é muito violento entendeu?*” (sujeito 4). A mudança conseguida até o momento foi diminuir o número de músicas de insulto de quinze para duas por CD lançado. Assim, no grupo, há a possibilidade dos sentimentos de aversão e hostilidade, que foram reprimidos no indivíduo, emergirem e serem manifestas.

No processo de análise dos dados duas novas dimensões emergiram do campo que incidem diretamente na formação dos laços sociais: a relação com a lei e o papel do líder. Desta maneira, foi possível averiguar que a violência nas torcidas estava intimamente relacionada com estes dois aspectos.

De acordo com os dados levantados o papel do líder estava associado diretamente à transformação das torcidas em instituições: “*Então são grupos realmente muito organizados*” (sujeito 1), que nos fazem lembrar do tipo de organização pesquisada por Goffman, (2005).

Freud (1921) fala que ao líder é atribuído um poder "misterioso e irresistível" que desperta a fé do grupo fazendo com que as falas do líder ganhem um poder mágico de incentivar as disputas ou a trégua. Assim, a concretização da violência está diretamente ligada ao desejo do líder e a postura deste diante da torcida, dado este

confirmado nas falas dos entrevistados: “Diretor é conhecido é o que manda, é o que manda brigar, é o que manda brigar tá entendendo?” (sujeito 3). Contudo, uma outra postura é possível? “Descobri o quanto a gente é capaz, acho que cada um tem uma capacidade de liderança, [...] conseguimos mudar muita coisa de gente problemática, que só queria muita confusão. [...] Só quem pode acabar com a violência, que pode ajudar acabar com a violência, não to dizendo que a gente vai (pausa) somos nós que estamos na frente das torcidas” (sujeito 4).

Em relação às instituições, foi possível averiguar que, segundo relato, cada vez mais as torcidas têm procurado espaços físicos maiores de modo que possam oferecer aos seus membros várias atividades do dia a dia, como academia de ginástica, *lan-house*, lojas e até mesmo emprego: “Aí, a gente a se reunir no próprio grupo lá do bairro; a gente fez uma *lan-house*, uma loja, que não existia, aqui em cima tem uma academia que a gente já alugou o prédio também, fazer umas campanhas sociais dentro da torcida” (sujeito 3). Dessa forma, os participantes encontram nas sedes das torcidas tudo que possam precisar e assim se afastam cada vez mais do contato com pessoas de grupos diversos. Ora, para Goffman (2005), uma das principais características de instituições totalizantes é reunir num mesmo espaço opções de lazer, trabalho e moradia. Esse fechamento gradativo das torcidas pode levar a um acirramento ainda maior da rivalidade com os demais torcedores e agravam a situação, pois para Freud (1921), o modo como os grupos são estruturados elevam o padrão moral estabelecido entre eles e reduzem a capacidade intelectual, com isso uma posição crítica de seus membros é cada vez mais rara. Assim, abre-se a possibilidade de emergirem atos violentos que para as pessoas que não estão inseridas nos grupos podem parecer incompreensíveis.

Então, é nesse conjunto de pessoas especialmente não qualificadas, que se sente “como todo mundo”, o homem comum, que estão formadas as torcidas organizadas e que têm lançado um pedido por intervenção: “Cobrar mais de nós mesmos, nós da torcida temos de ser cobrados” (sujeito 4).

A segunda categoria analisada neste trabalho refere-se aos discursos. No Seminário 17 Lacan discorre sobre o conceito de discurso e o modo como ele estrutura as relações sociais e, conseqüentemente a postura do sujeito diante do Outro¹. “É que sem palavras, na verdade, ele (o discurso) pode muito bem subsistir. Subsiste em certas relações fundamentais [...] Não há necessidade destas para que nossa conduta, nossos atos, eventualmente, se inscrevam no âmbito de certos enunciados primordiais” (Lacan, 1969-70, p. 11).

De acordo com as entrevistas realizadas alguns discursos surgem, dentre eles: festa, violência, impunidade. A festa, o incentivo aos jogadores aparece como o grande objetivo das torcidas organizadas: “O objetivo maior da torcida organizada é fazer realmente uma grande festa no estádio [...] é incentivar o clube dentro do campo da melhor forma possível” (sujeito 1); “Minha paixão era torcida organizada. Fica assim, bobo quando via as festas na arquibancada, bandeiras, fogos, enfim...” (sujeito 4). Contudo, percebemos que no decorrer das entrevistas, o tema festa foi esmaecendo frente ao discurso em torno da violência.

A violência é justificada entre os entrevistados como: a) rivalidade: “Hoje em dia quando se tem um clássico aqui é certeza de confusão [...] hoje em dia a quantidade

¹ “Termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico – o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus – que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 558).

de integrantes que vão com o intuito de se confrontar é bem maior do que naquela época [...] vão com intenção realmente de rivalizar com o outro grupo e partir mesmo pra uma guerra né, interesse de guerrear e não de torcer ou se preocupar se o time ganhou ou perdeu” (sujeito 1) e “Às vezes um cara recebe crítica e começa a bater boca, daí sai a confusão. [...] Vai mexendo com o coração das pessoas porque é pessoa querida da gente aí vai acarretando mais violência. Com o passar do ano só vai aumentando essa violência, é gente querendo se vingar, aí mata o outro, aí mata o outro, mata outro, aí nessa confusão vai indo” (sujeito 2); b) impunidade: “Esta questão de controle ao meu ver está relacionado com a questão de impunidade” (sujeito 1); e ainda: “A impunidade no Brasil também né? [...] A justiça hoje é muito frágil, então se ele mata uma cara daqui a pouco ele ta solto” (sujeito 2); c) briga de gangue: “Dentro das alas tem os gangueiros. As pessoas que vão pro estádio pra roubar , pra fazer confusão “ (sujeito 2); d) briga de bairros: “A violência ta nos bairros [...] Na verdade todo jogo tem essa confusão de rivalidade de bairro” (sujeito 2); e) efeito do álcool e drogas entre outras: “Às vezes bebem demais no estádio e fazem besteira” (sujeito 2); “Um vai pro jogo e causa embriaguez aquele negócio todo, é a droga que existe no meio dos dois, então isso torna a violência muito grande” (sujeito 3).

O ato de quebrar, bater, roubar a faixa, e até matar, relatado pelos sujeitos da pesquisa, é vivenciado como uma forma de ostentação de um poder sem limites onde há uma predominância da imagem sacrificando-se os ideais estabelecidos pelo social: “A gente chega e já chega pra mandar. A gente chega com o nosso grupo e já chega (pausa) Eu tenho que agredir” (sujeito 3); e ainda, “Isso é muito triste pra se falar, mas é uma realidade, uma torcida só tem uma moral se já tiver roubado faixa de alguém, se já tiver matado; é um negócio muito triste falar isso, mas é uma realidade” (sujeito 4).

O sujeito que antes se valia das estruturas simbólicas da sociedade para conduzir-se nas suas relações sociais, parece não encontrar mais os parâmetros necessários que o norteie (Cf. LACAN, 1950) estando orientado por um imperativo: eu posso tudo. Não há uma uniformização da lei, fato este que parece gerar uma panacéia social, que se manifesta a partir das tensões nos relacionamentos, reflexos de um quadro de anomia que se estabelece onde a exceção se faz regra, e a lei não tem força de lei (AGAMBEN, 2004).

No âmbito da psicanálise tomamos como referência o texto Totem e Tabu (1913), onde Freud aponta a violência, através do parricídio, como o meio de fundação da civilização. Tal ato instaura uma Lei, a proibição do incesto, e já apontava para o que Freud viria a desenvolver mais tarde como conceito de castração entendida não como a mutilação dos órgãos sexuais, mas uma experiência psíquica vivida na infância a qual remete às diferenças sexuais. Ou seja, a criança vive a dor dos limites no âmbito do corpo.

Há, portanto, uma ordem é instaurada, a qual o sujeito, na busca de sua sobrevivência, mantém-se submetido a um Outro que põe limites aos seus desejos, limita a satisfação plena de seus impulsos. O sujeito, então, se vê solicitado a fazer uma renúncia, de ordem pulsional, como forma de permanecer vivo entre os seus iguais e diante de si mesmo, amenizando assim seus conflitos internos. Assim, o cumprimento da lei tem como função a manutenção dos laços sociais desta sociedade, evitando uma ruptura dos alicerces que sustentam os referidos laços. Há desta forma uma herança ética que põe termos às ações do sujeito onde este se depara com limites nos seus relacionamentos.

No entanto, vemos que hoje há uma primazia do gozo², como uma forma de minimizar o mal-estar advindo desta relação com os diversos objetos ofertados, simultaneamente, pelo mercado, que incentiva o consumo incessante: “*São verdadeiras instituições que movimentam milhões por ano*” (sujeito 1) e ainda: “*Não vamos só criar um público consumidor não cara, vamos criar, vamos conscientizar cada pessoa*” (sujeito 4). Isto como que ecoa a visão lacaniana sobre a sociedade moderna:

“Uma civilização cujos ideais sejam cada vez mais utilitária, empenhada como está no movimento acelerado da produção, nada mais pode conhecer da significação expiatória do castigo. [...] esse novo homem, abstraído de sua consistência social, já não é digno de crédito” (LACAN, 1950, p. 139-140).

Neste contexto, o sujeito apresenta dificuldade em assumir responsabilidade pelos seus atos. Não há responsáveis; a culpa por um delito não cabe a ninguém. O sujeito constroi como chama Carneiro (2005), pseudobarreiras para enfrentar a realidade ficando, assim, mais exposto a passagens ao ato, a terceira categoria da pesquisa, que segundo Lacan (1962, p. 129), “o sujeito aparece apagado ao máximo pela barra [...] ele se precipita e despenca fora da cena”. É o momento o qual o sujeito não pode mais simbolizar, não há um significante operando, não porta mais uma fala, emudece: “*Era mais por impulso, mais por impulso. Não tem muito que pensar, quer dizer, a gente pensa, mas vem a cachaça na cabeça [...] então você acaba agindo por impulso realmente*” (sujeito 2).

Seria a violência, neste contexto, uma saída do sujeito frente aos seus impasses diante de uma realidade social que valoriza a autonomia, a satisfação pessoal, a busca de prazer, a realização de desejo em detrimento de uma ordem, frente a uma lei que não se sustenta, onde, em determinado momento se é o agressor e noutros, vítima? “É, pois, um princípio geral que os conflitos de interesses entre os homens são resolvidos pelo uso da violência. É isto que se passa em todo o reino animal, do qual o homem não tem motivo por que se excluir” (FREUD, 1933, p.246).

No entanto, através desta pesquisa, com relatos envolvendo casos de violência que chegaram inclusive à morte, torna-se relevante pensar nos operadores que barram o sujeito na contemporaneidade. Não podemos falar de uma ausência da lei, mas parece que hoje ela se apresenta fragmentada, sem consistência abrindo espaços para as passagens ao ato.

4. Conclusão

Concluimos este trabalho com um questionamento: estaríamos frente ao desaparecimento do sujeito, que essencialmente vem marcado pela falta, pela castração como entende a psicanálise? Se afirmarmos que sim estaríamos lançados no mundo da barbárie. Mas, como justificar a crescente onda de violência a qual nos vemos

² ROUDINESCO; PLON (1998) assim definem gozo: “Inicialmente ligado ao prazer sexual, o conceito de gozo implica a idéia de uma transgressão da lei: desafio, submissão, ou escárnio. O gozo, portanto, participa da perversão, teorizada por Lacan como um dos componentes estruturais do funcionamento psíquico, distinto das perversões sexuais. Posteriormente, o gozo foi pensado por Lacan no âmbito de uma teoria da identidade sexual, expressa em fórmulas de sexuação que levaram a distinguir o gozo fálico do gozo feminino (ou gozo dito suplementar)”. (Id., p. 299).

submetidos nestes dias, e mais especificamente no âmbito desta pesquisa, a violência entre as torcidas organizadas?

Parece-nos que o sujeito na atualidade, sob a égide de um supereu tirânico, é convocado a gozar a qualquer preço (MELMAN, 2003), fato este que tem deixado aberto o caminho para a manifestação de atos violentos contra si e/ou contra o próximo. Desta forma, o reconhecimento da diferença que daria suporte a uma relação entre o sujeito e o próximo fica comprometido.

As relações mantidas a partir da negação do outro desejante lançam um convite a uma apropriação do corpo do outro para usufruto atendendo assim ao pulsional mortífero (FREUD, 1920) que clama por uma realização plena, uma satisfação absoluta. Neste sentido, matar, roubar, “*não sendo amigo meu*” vale.

Podemos falar então que neste contexto há poucos resquícios de um sujeito, pois o que se apresenta são passagens ao ato no lugar que deveria advir um sujeito. O mesmo está subjogado ao gozo e seus imperativos havendo um afânise do sujeito. Estamos assim diante de pessoas que almejam anular a falta, a incompletude, a castração. A eliminação do diferente é então desejável sendo a violência uma saída plausível. Mas também é um pedido por intervenção, um clamor pra que o Outro se mostre: “*nós da torcida temos de ser cobrados*”.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, G. **Estado de exceção** (Coleção Estado de Sítio). (I. Poleti Trad.). São Paulo: Boitempo, 2004.

BARREIRA, C.; BATISTA, E. Violência e conflito social In **Segurança, Violência e Direitos**, 2007, v. 1, p. 19.

CARNEIRO, H. F. **Do delírio quixotesco à alucinação contemporânea**: as novas formações de sintomas e a época. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro. v. 17, n.1, p. 49-63, ago. 2005.

FREUD, S. (1913). **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

FREUD, S. (1920). **Além do Princípio do Prazer**. Imago, 1980. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

FREUD, S. (1921). **Psicologia de Grupo e Análise do Ego**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

FREUD, S. (1930). **O Mal - Estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

FREUD, S. (1933). **Por que a Guerra?** Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).

- GOFFMAN, E. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- LACAN, J. (1950). **Introdução teórica às funções da psicanálise** (Escritos) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1962-63). **A angústia**. (O Seminário 10). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, J. (1969-70). **O avesso da Psicanálise**. (O Seminário 17). Texto estabelecido por Jacques Alain Miller; Trad. Ari Roitman. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992.
- MARIN, I. S. K. **Violências**. São Paulo. Escuta: 2002.
- MELMAN, C. **O homem sem gravidade gozar a qualquer preço**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.
- MINAYO, C. de S. (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- MURAD, M. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- REIS, H. B. **Futebol e violência**. Campinas, São Paulo: Fapesp, 2006.
- ROUDINESCO, E; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SPINK, M. J. (Org.) **Práticas Discursivas e Produção de Sentido no Cotidiano**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.